

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2023



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), , Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."

El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres

The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men

Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens

- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero

UNDOING PENELOPE'S FABRIC:

Material culture, loom weights and gender studies

Arianna Esposito & Airton Pollini

61 ESTUDOS

ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti

THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14TH CENTURY BCE:

Tawananna, from queen to outcast of the Hatti

Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida

- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO

NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT

João Paulo Simões Valério

- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos

REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:

Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors

Catarina dos Santos Madeira

129 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

155 RECENSÕES

REVIEWS

269 IN MEMORIAM

279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

ERIC CSAPO, HANS RUPPRECHT GOETTE, J. RICHARD GREEN, BRIGITTE LE GUEN, ELODIE PAILLARD, JELLE STOOP et PETER WILSON, eds. (2022), *Theatre and Autocracy in the Ancient World*, Berlin/Boston, De Gruyter, 280 pp. ISBN 978-3-11-079596-7 (129.00€).

Da prestigiada De Gruyter chega às academias um tema inédito decorrente do projecto “Theatre and Autocracy in Ancient Greece” e de uma leva de comunicações apresentadas num colóquio, inserido na mesma temática de teatro e autocracia, da Universidade de Sidney, no ano de 2018, sob coordenação de nomes ressoantes como E. Csapo, H. R. Goette, J. R. Green, B. Le Guen, E. Paillard, J. Stoop e P. Wilson.

Uma rica colecção de estudos distribui-se por três partes principais, a que uma Introdução geral serve de pórtico de entrada. A primeira parte é dedicada à relação dos autocratas gregos com o teatro, a segunda parte faz o mesmo para os romanos e a terceira parte ocupa-se da representação de autocratas trágicos na tradição dramática.

A Introdução (“Theatre and Autocracy: A Paradox for Theatre History”, pp.1-14) traz propostas inovadoras que desafiam a costumeira cartilha de Friedländer e a tendência classicista (que os especialistas entendem como obsoleta e inquinada) que vê na «teoria da decadência» ou do «declínio» um elo unificador para justificar certas interpretações dos dados cronológicos que se fixaram com a *Scholarship* moderna em torno da ligação do teatro com a democracia. Esta revisão dos dados vem demonstrar quão condicionada tem sido a tradição académica, que por norma opõe o teatro (inerentemente democrático) aos regimes autocratas (representados por monarcas, tiranos, *generalissimos* e imperadores), postura que os especialistas deste volume pretendem disputar em favor de uma mútua cumplicidade que aproxima o teatro autocrático e o teatro democrático, ambos cúpulas de poder para as autoridades.

Na primeira parte, E. Csapo e P. Wilson (pp. 17-35) dão o pontapé de saída para uma série de problemas gerais: a origem do teatro no final do séc. VI a.C. supõe que tiranos como os Pístrátidas não estivessem implicados na sua fundação; porém, desde sempre imiscuídos na «cena» ditirâmbica e directamente envolvidos na criação das Dionisiacas, os autocratas apresentam-se *lato sensu* como benfeitores da «cultura» religiosa grega e dos festivais; o teatro terá sido inventado já em solo democrático ateniense, porém arvorado em terra «pístrata», e assimilado espaçadamente por vários tiranos vizinhos («estrangeiros») e *barbaroi* que assim apelavam às massas e reivindicavam autoridade e controle num horizonte pan-helénico; não menos importante, a estetização da vida através da reivindicação de uma *persona* teatral é tema comum a Dionísio I de Siracusa, Clearco de Heracleia, Filipe II da Macedónia, Nero, etc. O segundo estudo, com autoria de B. Le Guen (pp. 37-53), traça, na nossa opinião de forma brilhante, as origens das associações dos «*technitai* de Dioniso» em espaço Helenístico, obedientes à política vigente e a uma agenda de manipulação de massas sobretudo ptolemaica. Em parceria com o conceito de εὐεργετέω, C. Lisle (pp. 55-69) pretende reconstituir o complexo arqueológico que serviu de teatro a Hierão II de Siracusa, enquadrando-o num programa arquitectónico unificado alargado a ideologias de poder. P. Touyz (pp. 71-84) remata o primeiro capítulo com uma discussão sobre o recrudescimento do drama satírico no período Helenístico como género independente da tragédia e da comédia, e de que os exemplos ptolemaicos discutidos atrás por Le Guen, e esclarece também a importância programática do coro para a vida cívica e dramática pan-helénica.

A segunda parte, aplicada ao contexto romano, abre com a epígrafe «Greek Theatre in Roman Italy: From Elite to Autocratic Performances» de E. Paillard (pp. 87-103) e surge na continuidade dos estudos anteriores empenhada, para o primeiro texto, numa colheita de referências literárias e epigráficas da reprodução de peças dramáticas gregas em língua grega em contexto romano, primeiro no período da República, depois na época Imperial. A autora discute com mérito, entre outros aspectos, a produção dramática grega como objecto de consumo privado para elites romanas familiarizadas e não familiarizadas com a língua grega (dadas as obras de Tito Lívio, Políbio, Plutarco, Cícero, Suetónio, Estrabão, Tácito, e aí por diante) e a importância de Augusto, como de outras personalidades, para a vitalização dos *ludi* gregos. A autora conclui a inevitabilidade de que a instituição das diversas formas de teatro grego na Roma Imperial pareça estar relacionada com um programa de “reposição” do *air du temps* hegemónico grego, objecto de discussão já no texto de E. Csapo e P. Wilson (pp. 17-35). M. H. Garelli (pp.105-116) começa por traçar uma panorâmica das principais inovações dramáticas da transição do período da República para o horizonte Imperial, não só quanto à ebulição de novos géneros, tendo por intuito esclarecer certas terminologias migratórias reportadas à G.A. Os casos de Augusto, Nero, Adriano e Marco Aurélio são contemplados à medida que uma expressão dramática tipicamente romana como a pantomima se vai imiscuindo no panteão dos *agones* gregos após pelo menos oito decénios de resistência activa da parte grega. Da gesta de M. Skotheim (pp.117-126) brota um comentário extenso à iniciativa de Augusto junto dos festivais, bem como da violência com que o imperador fundeava alguns deles, mostrando-se justamente benfeitor dos novos *agones* pan-helénicos a par de uma motivação classicizante e de um programa cívico que ajudava a fixar mútuos contactos entre as franjas do Império. Se novos festivais como Actia passaram a fazer parte do tradicional *periodos* (festival pan-helénico) é uma questão que preocupa a autora. Mas a chave de ouro desta investigação é, sem dúvida, a breve glosa ao percurso dramático da Judeia na dinastia Herodiana. J. R. Green (pp.127-147) dedica-se a analisar o teatro de Paphos na ilha de Chipre e a sua reconstrução sob a discutível supervisão de Antonino Pio. Dois fragmentos com dedicatórias, além das estátuas a que estas se reportam, placas com grifos, e a logística dos mármore (proconesiano, *cipollino* e *bigio antico*) utilizados nas colunas e capitéis são alguns dos elementos discutidos pelo especialista. H. R. Goette (pp.149-162) traz um belíssimo estudo às estátuas de Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Menandro inseridas (*in illo tempore*) no *parodos* do teatro de Dioniso em Atenas e sua recepção na República e Roma Imperial. Cada tragediógrafo é identificado com vários tipos escultóricos consensualmente admitidos ou discutidos pelos peritos e a tarefa não é fácil. De resto, o debate em torno das bibliotecas helenísticas e romanas e os eventuais tipos ali reproduzidos para identificação de autores revela-se apaixonante. Com transição suave, já a apontar para o tópico do capítulo terceiro, E. Bowie (pp.163-180) dá atenção especial ao uso da tragédia ática em contexto helenístico e imperial, pretendendo averiguar se peças de *Old Comedy*, *Middle Comedy* e *New Comedy* apresentavam denúncias reactivas contra a política romana quando postas em cena. Os casos de Tibério e Nero revelam-se especialmente nutritivos para a tarefa que o A. se propõe e os anexos de cotejo de fragmentos e citações são um suplemento indispensável de grande utilidade para o estudante.

A terceira parte é inaugurada por L. Athanassaki (pp. 183-98) e tem como eixo principal o tratamento do mítico Teseu nas tragédias de Eurípides, em torno do qual serpenteiam outros reis coevos, mais o binómio autocracia/democracia. Dalí resulta uma investigação feita com mérito e

inteligência. A espaços, a autora propõe anacronicamente algumas soluções extemporâneas para certas personagens eurípidianas, que podem não fazer sentido para a época que as recebe, mas que, em contrapartida, não infirmam a qualidade do texto e o rigor com que foi elaborado. Para S. Perris (pp. 199-217) é merecedor de atenção o tema pouco explorado dos regimes oligárquicos na tragédia: Atena, nas *Euménides*, selecciona para o Aerópago de entre τὰ βέλτατα os melhores homens; a etimologia de certas palavras como *aristês* e *philotimia* tem discussão cuidada; os coros de Sófocles podem ser interpretados como entidades oligárquicas (i.e. *Antígona*); vários fragmentos de Eurípides são revolidos à procura de vestígios lexicais que apontem para a discussão de regimes oligárquicos, etc. *In nuce*, uma belíssima e robusta pesquisa donde avultam talento e suma competência. Para fechar, da autoria de R. Cowan (pp. 219-28), entra em cena a perdida obra *Thyestes* do romano Lucius Varius Rufus, de que apenas se conserva um fragmento. Ela divulga um duplo trilho que o autor pretende harmonizado: por um lado pode estar associada ao conceito de *stasis* que a vitória de Augusto sobre Marco António modula, por outro pode servir fins propagandísticos no contexto dos jogos *ta aktia* em 29 a.C.

A uma colectânea de estudos que em boa hora nos foi proposta para leitura devemos fazer notar alguns pormenores da disposição gráfica: as notas de rodapé acompanham o texto, escolha que saudamos com entusiasmo; estranha-se, de modo geral, o uso parcimonioso de imagens; o livro vem ainda guarnecido com bibliografia actualizada (apenas mencionada na lista e não consultada *de facto* em nenhum dos artigos, *Visual Power in Ancient Greece and Rome* (2018), de T. Hölscher, é uma obra utilíssima para o tema em apreço; nota-se, portanto, a sua falta) e dois índices onomásticos que facilitam a consulta.

Em conclusão, o volume revela-se uma ferramenta didáctica muito valiosa que recupera com propostas inovadoras um tema acantonado não no esquecimento das academias, mas na presumida ligação débil entre os tópicos da autocracia e da tragédia. Afinal, como prova o itinerário de abordagens, o tópico é sólido e riquíssimo.

Sílvia Catarina Pereira Diogo

ARTIS-IHA, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

JOHN BOARDMAN (2019), *Alexander the Great: From His Death to the Present Day*. New Jersey, Princeton University Press, 171 pp. ISBN 978-0-691-18175-2 (\$29.95).

O aviso é dado pelo autor logo no início: este não é um livro sobre a história de Alexandre, mas antes uma obra “almost wholly concerned with stories told about him after his death”, ou seja, “the fantasy that scholars and poets have woven around him from antiquity down to present day” (p.1) e, como tal, “devoted to a selection of the stories about Alexander that were invented and circulated after his death, and to the ways he has been treated by authors and artists ever since”.

De autoria de John Boardman, Professor Emérito de Arqueologia Clássica de Oxford, e uma das maiores autoridades em Arte Clássica, não estamos perante um livro que pretenda ser uma biografia de Alexandre, o Grande, mas antes de um apanhado – “personal and not quite random” –



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA